

UMA RELEXÃO SOBRE O ENSINO DE HISTÓRIA: UM ESTUDO DE CASO DO PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM

Carlos Jordan Lapa Alves¹
Geder da Rocha Rosa²

RESUMO

Esta pesquisa tem como objetivo fazer uma breve reflexão acerca do processo de ensino-aprendizagem da disciplina de História em uma escola no município de Piúma – ES. Uma vez que, os meios de globalização (celular, internet e televisão) agem de forma incisiva fazendo com que a escola sinta a necessidade de atualizar os seus meios didáticos para que o ensino possa torna-se prazeroso e eficaz.

Palavras-chaves: História, Ensino, Aprendizagem e Didática.

ABSTRACT

This research aims to make a brief reflection about the process of teaching and learning of history of discipline at a school in the city of Piúma - ES . Since, with globalization of media (mobile, internet and television) act forcefully making the school feel the need to upgrade their teaching means for teaching can become enjoyable and effective.

Keywords: History, Teaching, Learning and Teaching .

1. INTRODUÇÃO

Em seu artigo *“Para que serve a História? Para nada....”* o professor Ricardo da Costa (2008) deixa os mais empolgados professores de História com uma grande dúvida. Afinal, a História tem relevância para vida em sociedade?

Pelo menos uma vez na vida um professor de História já ouviu de seus alunos que o conteúdo ministrado por ele nada acrescenta em sua vida, pois passado é passado e não interfere no presente ou no futuro, em outras palavras, não tem interferência prática. Este fato é endossado pelo currículo que privilegia matérias técnicas em detrimento das disciplinas que analisam o campo social (CIAMPI, 2003).

¹ Mestrando em Cognição e Linguagem - UENF. Email: jordan.alves@hotmail.com

² Graduado em História pelo Centro Universitário São Camilo- ES e Pós-graduando em Gestão Educacional pela FACI. Email: gederefa@hotmail.com

Ciampi (2003) enfatiza que o desinteresse dos alunos com a disciplina vincula-se ao ensino positivista, narrativo, burocrático e repetitivo. Nota-se que o desestímulo atrela-se a falta de inovação na forma de transmitir o conhecimento histórico, uma vez que, o aluno se mantém em contato com um mundo moderno que dispõe de inúmeras formas de tecnologia. Este sistema de ensino paulatinamente desestimula alunos e professores.

Ciampi (2003) ainda alerta que o conhecimento produzido diariamente por pesquisadores dentro das universidades não chega às salas de aula, tornando por consequência um ensino monótono e pouco atrativo.

Para a realização da pesquisa, foram separados alunos de diferentes séries entre os sextos e nonos anos do ensino fundamental II da Escola Municipal Manoel dos Santos Pedroza, totalizando cerca de 50 alunos, onde os mesmos foram encaminhados a salas separadas onde puderam assim responder o questionário, sem que houvesse interferência externa, ficando somente o pesquisador e os pesquisados. Uma vez que, para compreendermos as necessidades de atualização na forma de transmissão de conteúdo sente-se a necessidade de ouvir e analisar a parte mais importante no processo de ensino aprendizagem - o aluno (LIBÂNEO, 2006). Por fim, os resultados coletados foram confrontados com o referencial teórico a fim de entendermos e aprimorarmos a didática e a metodologia de ensino.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

Por anos o ensino de História no Brasil evidenciou a mecanização da aprendizagem, em outras palavras, o aprender estava intrinsecamente relacionado ao ato de decorar datas, nomes e os grandes feitos. Contudo, as novas correntes pedagógicas em união com as vertentes históricas que surgiram durante o século XIX e XX logo questionaram a visão da História Positivista, fazendo por consequência suas análises permearem dentro das salas de aula possibilitando nas últimas décadas um estudo histórico mais amplo e didático (SCHMIDT, 2004)

Schmidt (2004, p.54) alerta que precisamos “entender que o conhecimento histórico não é adquirido como um dom”, mas consegue-se através de pesquisas e descobertas. Torna-se, portanto, necessário transformar a sala de aula em um mundo onde os alunos precisam descobrir sua história, ou seja, faz-se necessário outro modelo educacional que privilegia o ensino nas suas múltiplas variações, pois

“o que é desejado é que o professor deixe de ser um expositor satisfeito em transmitir soluções prontas; o seu papel deveria ser aquele de um mentor, estimulando a iniciativa e a pesquisa” (PIAGET, 1973. p16).

Atualmente, a sociedade vivencia e valoriza o presenteísmo, porquanto se acredita viver um presente contínuo desvinculado de qualquer passado. Portanto, é necessário do professor uma postura de reconciliação entre a história e os novos sujeitos mostrando-os que são atores e principalmente construtores diários da história. Para que isso ocorra o professor necessita transformar sua sala de aula em um grande laboratório trocando por vezes livros por documentos que são acessíveis em sites como da Biblioteca Nacional e outros arquivos de acesso público.

O professor de História pode ensinar o aluno a adquirir as ferramentas de trabalho necessárias; o saber-fazer, o saber-fazer-bem, lançar os germes do histórico. Ele é o responsável por ensinar o aluno a captar e a valorizar a diversidade dos pontos de vista. Ao professor cabe ensinar o aluno a levantar problemas e a reintegrá-los num conjunto mais vasto de outros problemas em problemáticas. (SCHMIDT, 2004, p.57)

Nesta perspectiva, busca-se envolver o aluno em um sentimento de pertencimento e valorização da sua própria história, cultura e criação de sua identidade – conforme os Parâmetros Curriculares nacionais – PCNs (Brasil, 1997). Ainda segundo este documento torna-se prioritário que o ensino de História se pautem na construção de uma identidade nacional através das relações sociais e individuais além de permitir analisar e compreender o tempo presente e explorar criteriosamente as múltiplas relações históricas que envolvem seu passado e sua memória.

Neste aspecto a história vincula-se diretamente com a construção da cidadania relacionando-se ao conhecimento do outro como ser histórico permitindo compreender o entrelaçamento social, a cultura, a construção moral e a realidade que estamos inseridos.

3. O PROFESSOR E SEU PAPEL NO ENSINO DE HISTÓRIA

Segundo os PCNs (BRASIL, 1997), a educação deve voltar-se para a formação ampla do sujeito buscando o seu desenvolvimento e por consequência da

sociedade. Através deste processo as pessoas e o próprio processo de ensino-aprendizagem se renovam fazendo com que professor tenha por obrigação se adequar as novas formas de ensinar.

Para que o conhecimento seja transmitido de forma atrativa e convidativa torna-se necessário uma adaptação da forma de transmissão. Utilizando novos métodos, linguagem e meios. Sobre estes aspectos:

Ao incorporar diferentes linguagens no processo de ensino de História, reconhecemos não só a estreita ligação entre saberes escolares e a vida social, mas também a necessidade de re (construirmos) nosso conceito de ensino e aprendizagem. (SELVA GUIMARÃES, 2004, p. 149 – 156)

O professor exerce função primordial no processo de ensino-aprendizagem do conteúdo histórico, pois tem a possibilidade de apresentar as diversas leituras dos acontecimentos que marcaram a história revelando a estes que também são agentes construtores. Neste contexto o professor tem a função não apenas educativa, mas cidadã, uma vez que, “a história tem como papel central a formação da consciência histórica dos homens, possibilitando a construção de identidades, a elucidação do vivido, a intervenção social e praxes individual e coletiva.” (FONSECA, 2003, p, 89). Porquanto, a principal função da escola é formar indivíduos completos como Seres Humanos relacionando-os com o presente, o meio, a sociedade e com seu passado objetivando a cidadãos crítico-participativos.

A escola deve e pode ser o lugar onde, de maneira mais sistemática e orientada, aprendemos a Ler o Mundo e a interagir com ele. Ler o mundo significa aqui poder entender e interpretar o funcionamento da Natureza e as interações dos homens com ela e dos homens entre si. Na escola podemos exercitar, aferir e refletir sobre a Ação que praticamos e que é feita sobre nós. Isso não significa que só na escola se faça isso. Ela deve ser o lugar em que praticamos a Leitura do Mundo e a Interação com ele de maneira orientada, crítica e sistemática. (CANIATO, 1997.p.65)

Neste sentido o professor de História assume papel central na condução do conhecimento histórico através de uma prática pedagógica própria, pois é latente dentro das salas de aula elucidar relações histórico-sociais quimeras ao mundo do aluno.

(...) o professor de história, com sua maneira própria de ser, pensar, agir e ensinar, transforma seu conjunto de complexos saberes em conhecimentos efetivamente ensináveis, faz com que o aluno não apenas compreenda, mas assimile, incorpore e reflita sobre esses ensinamentos de variadas formas. É uma reinvenção permanente (FONSECA, 2003, p. 71).

Freire acrescenta:

não há pesquisa sem ensino (...) Ensino porque busco, porque indaguei, porque indago e me indago. Pesquiso para contratar, contratando, intervenho, intervindo educo e me educo. Pesquiso para conhecer o que ainda não conheço e comunicar ou anunciar a novidade (FREIRE, 1996, p. 29).

Desta forma Freire (1996) salienta a importância de trazer para a sala de aula a pesquisa e não apenas o conteúdo pronto e estigmatizado. Uma vez que, as relações históricas devem ser (re) descobertas nas salas de aula, nos laboratórios e centros de pesquisas, haja vista que, a História não é uma ciência pronta e acabada. Torna-se, portanto, necessário a partir desta perspectiva romper com o paradigma de que quem faz história é o historiador.

4. OBJETO DE ESTUDO: A ESCOLA

A referente pesquisa foi realizada na Escola Municipal Manoel dos Santos Pedroza no município de Piúma, para alcançar os objetivos propostos, foram formuladas perguntas sobre as relações de ensino-aprendizagem destinadas aos alunos e professores a fim de se fazer um contra ponto com as informações levantadas. No momento de realização da pesquisa, foram selecionados alunos de diferentes séries, entre 6º e 9º anos do ensino fundamental II, os mesmos foram encaminhados a uma sala separada, onde puderam responder as perguntas do questionário proposto. O questionário foi impresso em folha de papel A4 com escrita com fonte Arial 10, não contendo identificação do aluno, somente série, idade e o nome da escola onde a pesquisa estava sendo realizada.

A aplicação de formulários para que os alunos respondessem, foi uma rica e insubstituível ferramenta, afinal muito se fala na formação continuada e na formação do professor do século XXI, mas não tem-se atentado para a parte mais interessada, os alunos. Uma vez que, o objetivo da escola é a formação destes indivíduos, já

passamos da hora de ouvi-los, os referenciais teóricos não podem e não devem ser os únicos norteadores da prática docente, afinal existem especificidades intrínsecas à cada realidade, nenhuma estratégia é universal. Afinal se a prioridade da Escola é formar cidadão, os laços essenciais à vida em sociedade precisam se fazer presentes em sua rotina.

A pesquisa em si, trouxe mais surpresas do que eram esperadas, logo na primeira questão, os alunos já esbarraram com a seguinte pergunta: Você gosta de ir à escola? Para a primeira surpresa, a maioria disse que sim, na segunda pergunta os alunos tiveram que responder referente ao que eles mais gostavam na escola? nesse momento ocorreram divergentes opiniões, mas a maioria escolheu a opção aprender com os trabalhos, exercícios e com as explicações dos professores, na terceira pergunta também ocorreram divergências de opiniões, mas a maioria disse não gostar de um professor específico pela sua falta de didática e uso excessivo de textos no quadro.

A quarta pergunta e a mais surpreendente foi feita da seguinte forma, Qual a forma de aula que você mais gosta? e contrariando às expectativas, a grande maioria respondeu uma aula interativa onde professor e aluno debatem sobre determinado tema.

Na quinta questão foi perguntando aos alunos se a forma de ensino da disciplina costumam interferir nas suas notas. A resposta seguiu confirmando a importância da aproximação do professor aos alunos, pois 80% respondeu que sim, pois segundo eles quando existe uma facilidade e diferenciação da transmissão do conteúdo o ensino torna-se prazeroso.

A sétima pergunta foi diretamente ligada aos recursos didáticos e 95% dos alunos responderam que o uso excessivo do quadro, do livro e a falta de variedade no processo de ensino causa o desestímulo com a matéria o que acarreta em notas baixas.

A amostragem da pesquisa só nos leva a crer que as relações de ensino-aprendizagem e a didática adotada pelo professor são percebidas pelos alunos, e que refletem diretamente na postura adotada por eles perante os professores, suas respectivas disciplinas e propostas de ensino.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante da pesquisa realizada é importante destacar que alguns dos métodos utilizados na pesquisa, comprovaram a hipótese primária do estudo, pois o quantitativo de alunos que evidenciou que os métodos de ensino interferem diretamente no rendimento reflete que os professores precisam adequar sua didática ao mundo que o aluno se insere.

Deve-se então ter em mente que os professores exercem um papel insubstituível no processo da transformação social, pois a formação dos educadores não se baseia apenas em técnica prontas, e nem como apenas executora de decisões alheias, mas, na formação de cidadãos com competências e habilidades na capacidade de decidir e agir, e a afetividade novas técnicas de ensino tem esse poder de produzir novos conhecimentos para além da teoria e da prática de ensinar.

A formação dos professores e dos alunos, unidos pelo saber afetivo, abrangem arestas para além dos espaços institucionais, das ideias e dos espaços ocupados e compartilhados por estes.

6. REFERÊNCIAS

ARRIBAS T,L. *Educação Infantil: Desenvolvimento, currículo e Organização Escolar*. 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 2004, 2006.

BRANDÃO, C.R. *O que é educação?* São Paulo: Brasiliense, 2005.

CANIATO, R. *Com Ciência na Educação*. 3ª reimpressão. Campinas: São Paulo. Papyrus, 1997.

CIAMPI, H. O Processo do Conhecimento/pesquisa no ensino de história. In: *História & Ensino: Revista do Laboratório de Ensino de História*. Londrina . Eduel. 2003.

COSTA, B.S .*O ensino superior na ditadura militar brasileira: um olhar através da "Revista MEC"* / Porto Alegre : 2009.

COSTA, R. *Para que serve a História? Para nada...* In: SINAIS - Revista Eletrônica. Ciências Sociais. Vitória: CCHN, UFES, Edição n.03, v.1, Junho. 2008. pp.43-70.

CUNHA, A,E. *Afeto e aprendizagem, relação de amorosidade e saber na prática pedagógica*. Rio de Janeiro: Wak, 2008.

CENSO POPULACIONAL 2010. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), [online], nov. 2010). Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2010/>>. Acesso em: 22 julho. 2015.

FONSECA, S. G.. A construção de saberes pedagógicos na formação inicial do professor para o ensino de história na educação; In: *Ensino de história: sujeitos e práticas*. Rio de Janeiro: Manud X: FAPERJ, 2007. (Trabalhos apresentados no V Encontro Nacional Perspectiva de Ensino de História, Ensino de história: sujeitos, saberes e práticas, realizado no Rio de Janeiro, de 26 a 29 de julho de 2004. p. 149 – 156)

_____. *Didática e Prática de Ensino de História: experiências, reflexões e aprendizados*. 7 ed. São Paulo: Papirus, 2003.

FREIRE, P; *Pedagogia da autonomia – saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Ed. Paz e Terra, 2011.

GADOTTI, M. *Pensamento Pedagógico Brasileiro*. 8. ed. São Paulo: Ática, 2006.

GOULART, F. Ideb: mais dinheiro não garante o 10. **Gazetaonline**, [online], 2012 em: <http://gazetaonline.globo.com/conteudo/2012/08/noticias/a_gazeta_dia_a_dia/1350478-mais-dinheiro-nao-garante-o-10.html>. Acesso em: 22 julho. 2015.

LIBÂNEO, J,C. *Democratização da Escola Pública: a pedagogia crítico-social dos conteúdos*. 21ª ed. São Paulo: Loyola, 2006.

LUSTOSA JÚNIOR, J.C. **A Educação em seus âmbitos históricos e pedagógicos**. [internet]. São Paulo, Artigo científico, 2011. Disponível em: <<http://artigocientifico.uol.com.br/artigos/?mnu=1&smnu=5&artigo=2653>> Acesso em: 22 julho. 2015

MACHADO ROSA, E. *Programa de Assistência Técnica e Extensão Rural-PROATER 2011 – 2013: Planejamento e programação de ações - (2011)*. INCAPER, piúma, 2011. Disponível em: <<http://www.incaper.es.gov.br/proater/municipios/Caparao/piuma.pdf>>. Acesso em: 22 julho. 2015..

MORIN, E. *Os sete saberes necessários à educação do futuro*. São Paulo: Cortez, 2001.

RIBEIRO, V.; CATELLI JUNIOR, R; SERRAO, L.F. S. *INAF Brasil 2011: Indicador de Alfabetismo Funcional Principais resultados*. [internet], 2012. Disponível em: <http://www.ipm.org.br/download/informe_resultados_inaf2011_versao%20final_12072012b.pdf>. Acesso em: 22 julho. 2015.

SALTINI, C. J.P. *Afetividade e inteligência*. Rio de Janeiro: DPA, 2008.

SCHMIDT, M. A. A formação do professor de história e o cotidiano da sala de aula. In: BITTENCOURT, Circe. *O saber histórico na sala de aula*. 9.ed. São Paulo: Contexto, 2004.